

América Negra na era Obama: desmistificando a democracia racial diante do primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América¹

Renata Vieira Fogaça²

Resumo

O presente artigo visa analisar a era Obama nos Estados Unidos da América, com início desde sua candidatura até o fim do segundo mandato como presidente. A escolha do tema se deu devido à posição que os Estados Unidos ocupam no multilateralismo global enquanto nação hegemônica e, também, pelo recrudescimento das tensões raciais no país neste período. A partir disso, pretende-se obter conclusões acerca das mudanças vivenciadas pelos afro-americanos durante os dois mandatos de Barack Obama, fundamentando-se em bibliografias que estudam a era Obama, o encarceramento em massa de pretos nos Estados Unidos e o Black Lives Matter.

Palavras-chave: Obama. Estados Unidos. Afro-americanos. Black Lives Matter.

¹ O termo ‘América Negra’ pretende designar neste texto a parcela da população estadunidense que é identificada como preta.

² UFABC - renata.fogaca@aluno.ufabc.edu.br.

Como citar este artigo: FOGAÇA, Renata Vieira. América Negra na era Obama: desmistificando a democracia racial diante do primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América. **Íandé: Ciências e Humanidades**, São Bernardo do Campo (SP), v. 8, n. 1, p. 45-63, 2024. DOI: 10.36942/iande.v8i1.323.

Introdução

Quando Barack Hussein Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos da América, as expectativas dos afro-americanos eram altas, mas isso não se restringia exclusivamente a eles, visto que uma parcela significativa da população geral também via em sua eleição o prenúncio da consolidação de uma era pós-racial nos Estados Unidos, ou seja, um período no qual raça não seria mais um fator importante na sociedade.

Não é coincidência que a assunção da presidência pelo primeiro presidente negro da América tenha ocorrido justamente durante o período ao qual se atribui, conforme cita Alexander (2017), o terceiro sistema de hierarquia racial, ou, como é chamado, o sistema do encarceramento em massa. Tratava-se um momento no qual as taxas de encarceramento alcançavam índices recordes e no qual as tensões raciais se acirravam, convergindo também na desproporcionalidade do número de encarcerados brancos e negros no país, que, segundo o Relatório Anual de 2009 da Humans Rights Watch³ era seis vezes maior para homens negros em relação a brancos, além do fato de 10,7% de toda a população negra masculina com idade entre 30 e 34 anos estar atrás das grades no país. Em relação aos sistemas de hierarquia racial, estes operam de modo discriminatório, impedindo a convivência de brancos e negros como iguais. Dessa forma, o primeiro sistema teria sido o período da escravidão, ao passo que o segundo se deu com o Jim Crow. Estes dois primeiros sistemas eram muito mais evidentes e explícitos do que aquele estabelecido como terceiro sistema de hierarquia racial, visto que durante a escravidão falava-se de forma aberta e legal sobre o negro enquanto propriedade e mercadoria, atribuindo-lhe características não humanas, e, durante o Jim Crow, o negro era impedido por lei de ter acesso aos mesmos serviços e espaços públicos que o branco a partir da máxima do “separados, mas iguais”.

Já o encarceramento em massa se inicia silenciosamente, sem estar explícito na legislação, mas se estabelecendo ao mesmo tempo de maneira bem articulada ao ser bem sucedido em tornar praticamente impossível acusar o sistema de racismo. Michelle Alexander (2017) indica as duas etapas necessárias para assegurar este resultado, sendo elas: conceder discricionariedade extraordinária aos policiais e promotores no que diz respeito a quem parar, revistar, apreender ou acusar de crimes de drogas; e, depois, fechar as portas dos tribunais para alegações de que o sistema opera de forma discriminatória, a partir da justificativa de que a sociedade norte-americana estava então inserida na “era da neutralidade racial”, ou seja, um momento no qual a raça deixava de ser um fator importante. Não obstante o descrito, os acusados ainda são coagidos à aceitação de acordos, mesmo que sejam inocentes, como forma de evitar sentenças obrigatórias muito severas.

³ Disponível em <<https://www.hrw.org/world-report/2009/country-chapters>>.

Ao longo do período de Obama na Casa Branca, as situações internas do país envolvendo os afro-americanos entraram em fase crítica, abalando progressivamente as primeiras expectativas que surgiram com sua eleição para o cargo. A brutalidade policial diante dos negros se intensificou e a postura moderada que o então presidente adotou para lidar com estes casos foram na contramão do que era esperado e almejado por uma parcela significativa dos afro-americanos. Essa postura de Obama encontra explicação em sua própria trajetória de vida, uma vez que ele foi criado pelos avós em uma comunidade onde negros eram minoria e que ele faz parte da terceira geração de políticos negros nos EUA, como afirmado por Finguerut (2014), o que lhe conferiria uma perspectiva diferente sobre a questão racial na política americana. Explica-se também porque ele constantemente afirmava em seus discursos que não seria o presidente dos afro-americanos, mas de todos os norte-americanos.

Nesse sentido, a imagem do primeiro presidente negro enquanto agente de transformações das relações raciais nos EUA se desconstruía, até mesmo por intelectuais e ativistas negros. Cornel West, figura proeminente da esquerda, por exemplo, questionou a incapacidade de Obama em impulsionar mudanças estruturais na sociedade que possibilitassem a criação de programas sociais vigorosos para as classes mais vulneráveis e de leis que confrontassem o encarceramento em massa no país.

Eleição de 2008: A Era Pós-Racial?

Durante a Convenção Democrata de 2004, Barack Hussein Obama, um Senador do estado de Illinois, se destacou ao fazer um discurso sobre a necessidade de união entre os norte-americanos, utilizando sua trajetória como exemplo para realçar a importância da diversidade na história dos Estados Unidos:

Ele citou a experiência de seu pai, que havia sido criado em um pequeno povoado no Quênia e chegou aos Estados Unidos como bolsista universitário. O avô paterno trabalhara como cozinheiro e o avô materno se alistou nas forças armadas após o ataque a Pearl Harbor na Segunda Guerra Mundial. A mãe branca, nascida no estado do Kansas, foi obrigada a se deslocar pelo país a procura de oportunidades econômicas. Em uma narrativa bem elaborada sobre a história de sua família, Obama mobilizou representações da cultura norte-americana para retratar uma sociedade heterogênea, mas unida sob a mesma identidade nacional. (Obama, 2004 *apud* Francisco, 2017, p.13)

Em 2006, os democratas formaram maioria no legislativo e iniciaram a articulação para a eleição de 2008. Dentro do partido, se destacaram John Edwards, Senador da Carolina do Norte; Hillary Clinton, ex-primeira dama e senadora de Nova York, e Barack Obama, apresentado inicialmente como um outsider. Obama se diferenciava dos outros candidatos devido sua história de vida capaz de sintetizar os ideais de excepcionalidade americana dos Estados Unidos.

Conforme referenciado por Finguerut (2014, p.320), alguns filósofos postulam sobre a existência de três gerações de políticos negros: a anterior à luta pelos direitos civis; a que participou da luta; e a última que não a vivenciou. Obama faria, portanto, parte desta terceira geração, que teve, inclusive, acesso a colégios de elite imersos na visão de mundo da classe média. A visão de mundo diferenciada obtida por esta geração permitiu que alguns de seus membros conquistassem parte do eleitorado branco e iniciassem sua ascensão na política. O próprio Obama chegou a mencionar que uma história de vida como a dele só seria possível em um país como os Estados Unidos da América. Assim, em 2007, quando já era uma figura conhecida no cenário político norte-americano, ele decidiu concorrer à presidência.

O contexto da eleição presidencial de 2008 era marcado pelo entendimento de uma parcela significativa da sociedade americana que via os problemas raciais dos Estados Unidos como superados. Acreditava-se amplamente no início de uma nova era de união entre norte-americanos, na qual a raça não seria mais um fator importante, uma *colorblindness society*. A expressão *colorblind* refere-se à ideia de daltonismo, uma cegueira em relação à cor, que seria a incapacidade de perceber diferenças entre as raças. Para Taylor (2016, posição 1519-1525), é essencial compreender o *colorblindness* como muito mais do que apenas a negação do racismo, pois essa concepção também alimenta o ideal liberal de que os Estados Unidos seriam uma sociedade meritocrática, na qual o esforço é o principal fator, se não o único, que faria diferença entre os que conseguem alcançar o sucesso e aqueles que não.

Isso explica a emergência de Obama neste período, um candidato que exemplificava simultaneamente a excepcionalidade americana e a excepcionalidade negra, o que permitia seu uso como exemplo de prova da possibilidade de ascensão socioeconômica para um negro na sociedade norte-americana e, também, de prova de uma nação na qual as barreiras raciais teriam sido suspensas, corroborando com a concepção de uma era pós-racial. Obama retratou o momento histórico de sua candidatura à presidência não como um período de divisão entre os americanos, mas de união, frisando que esta seria a única forma de superar os problemas que os Estados Unidos enfrentavam. Dessa forma, além de sua história, Obama também carregava em seu favor o forte apelo patriótico estadunidense, que se mostra como um aspecto primordial nas decisões eleitorais do país.

Francisco (2017) pontua que a trajetória de Obama nas primárias e na eleição mostrava um candidato negro progressista, sem a marca forte de um orgulho negro. Com isso, o candidato se aproximava mais do ideal de um povo americano do que especificamente afro-americano. Finguerut (2014) frisa que o fato de sua candidatura não assustar os conservadores moderados evidenciava que seu governo seria provavelmente neutro, ou até mesmo contrário a algumas causas do movimento negro.

Por mais que Obama tenha feito um apelo para que a dor dos afro-americanos fosse reconhecida após décadas de segregação forçada e tenha reconhecido publicamente que esta dor é capaz de gerar um sentimento de raiva na sociedade afro-americana, Gerstle (2017) pontua que, ao mesmo tempo, o candidato procurava criar um parâmetro com a parcela dos brancos, que, segundo ele, se vale de uma raiva semelhante por não se sentir privilegiada por sua raça. Logo, ele se colocou como um político capaz de entender os ressentimentos de ambos os lados, e apontava a fé no sonho americano como a solução para eles. A questão é que, sendo o negro de maior visibilidade no país neste período, Obama preferiu conceder apoio a um ressentimento branco que não era necessário, visto que a população branca norte-americana já havia tido a história ao seu lado.

A vitória de Obama foi comemorada pela faixa mais ampla de brancos conservadores, entendendo-a como o fim do racismo e início da era pós-racial nos EUA; já os negros comemoraram na esperança por políticas específicas para o seu grupo. Em seu discurso, o novo presidente eleito se colocou como aquele capaz de liderar os Estados Unidos na trajetória de declínio da hierarquia racial. Talvez a maior esperança tida pelos afro-americanos no novo governo fosse a libertação da indiferença do governo Bush com o sofrimento dos negros, como aconteceu no furacão Katrina⁴, por exemplo. No entanto, como pontua Taylor (2016), no decorrer dos mandatos de Obama se viu que eles experimentaram a mesma indiferença, quando essa não foi ainda mais decisiva.

O Primeiro Presidente Negro dos Estados Unidos

Na contramão das expectativas por uma “era pós-racial”, a vitória do primeiro presidente negro dos Estados Unidos acabou revelando o caráter ilusório por trás de tal concepção ao fazer uma extrema direita racista que, até então, se mantinha escondida, voltar a se expor.

Tea Party

Segundo Gerstle (2017), a campanha de Obama durante as eleições presidenciais revigorou uma tradição nacionalista cívica da América de uma forma que nenhum outro evento teria feito nas últimas cinco décadas, ao passo que, simultaneamente reanimou o nacionalismo racial de uma parcela significativa de estadunidenses brancos que não se sentiam confortáveis com a ideia de um presidente negro.

A tradição nacionalista cívica refere-se ao mito de que os Estados Unidos seriam uma terra divina na qual pessoas de todas as partes do mundo poderiam livrar-se de seus problemas e

⁴ Em Francisco (2017) ele relembra os efeitos causados nos bairros negros de Nova Orleans pelo furacão Katrina, inundando casas e desabrigando diversas pessoas. Isso aconteceu no governo de George W. Bush, 43º presidente dos EUA, o qual não tomou medidas incisivas para a resolução destes problemas.

recomeçar suas vidas. Essa corrente disputou ao longo da história com uma tradição nacionalista racial, sendo que a busca por estes dois ideais contraditórios moldou a história norte-americana do século XX. A tradição nacionalista racial:

(...) concebe a América em termos étnico-raciais, como um povo unido pelo sangue comum e pela cor da pele e por uma aptidão hereditária para o autogoverno. Este ideal foi inscrito, também, na Constituição (no entanto, não na Declaração de Independência), que endossou a escravização dos africanos nos estados do Sul, e foi codificado em uma lei chave de 1790 limitando a naturalização a “pessoas brancas livres”. Embora modificada em 1870, esta lei de 1790 permaneceu com força até 1952, evidência de que o desejo da América de ser uma república branca sobreviveu à emancipação afro-americana em quase 100 anos. Ainda na década de 1920, os membros da Câmara dos Representantes não sentiram vergonha em declarar no plenário da Câmara que a “raça pioneira” estava sendo substituída por uma “mestiça” (...). (Gerstle, 2017, posição 4, tradução nossa)⁵

Isso trouxe consigo a emergência de conservadores que, utilizando-se de argumentos fundamentados no racismo, passaram a atribuir ao presidente o papel de agente de destruição da América branca.

Por meio de uma linha de pensamento que se tornou tradição nos Estados Unidos, chamada estilo paranóico⁶, muitos passaram a desconfiar da real nacionalidade de Barack Obama e acreditavam que ele pudesse ser muçulmano na realidade, além de outras acusações de que ele fosse antipatriota, por exemplo, por conta destes indivíduos identificarem uma ausência de nacionalismo no presidente em suas tentativas de diálogo com outras nações. Se o argumento destes grupos extremados na mobilização contra o ex-presidente partiu inicialmente de uma questão racial, rapidamente ele avançou para a questão econômica, na qual apontavam que o país estaria em decadência e que a retórica de Obama favorável à modernização da economia americana era percebida por eles como um perigo.

A preocupação destes atores diante de um governante visto por eles como antiamericano, capaz de ameaçar a identidade nacional, fez com que estes se mobilizassem para formar uma oposição forte. Foi assim que emergiu o Tea Party, um movimento descentralizado formado a partir de diversas organizações políticas, que tinha Barack Obama como alvo.

⁵ “(...) conceives of America in ethnoracial terms, as a people held together by common blood and skin color and by an inherited fitness for self-government. This ideal, too, was inscribed in the Constitution (although not in the Declaration of Independence), which endorsed the enslavement of Africans in the southern states, and it was encoded in a key 1790 law limiting naturalization to “free white persons”. Although modified in 1870, this 1790 law remained in force until 1952, evidence that America’s yearning to be a white republic survived African American emancipation by almost 100 years. As late as the 1920s, members of the House of Representatives felt no shame in declaring on the House floor that the American “pioneer race” was being replaced by “a mongrel one(...)”.

⁶ Tradição de pensamento político nos Estados Unidos de estilo paranóico, que se manifesta, como explica Finguerut (2014), na formulação de teorias conspiratórias e em uma constante desconfiança em torno do governo e das autoridades.

O surgimento do movimento surpreendeu os analistas políticos que, segundo Omi e Winant (2015), entendiam que a vitória de Obama sob John McCain representava um momento de recuo do conservadorismo. Eles não previram, portanto, que o alcance dessa mobilização poderia trazer à tona temas que haviam sido rejeitados pelo conservadorismo dominante décadas atrás por serem considerados muito radicais.

O Tea Party começou como uma forma de protesto, exigindo uma agenda fiscal de redução de impostos e do tamanho do Estado, mas logo cresceu, se radicalizou e ganhou relevância política. O movimento oscila entre a tese da revolta e a do ressentimento, de forma que, pela revolta, os tea parties discordam da forma como o governo atua e, por isso, buscam reprovar as atitudes do chefe de Estado ou, até mesmo, derrubá-lo. Já segundo a ideia do ressentimento, os tea parties se colocam como vítimas e anseiam pela volta de um país conservador, como na época em que os Estados Unidos eram uma superpotência inquestionável, sendo os atores participantes homens brancos de classe média, com idade entre 45 e 60 anos, residentes dos estados do Sul, que temem a progressiva decadência do WASP⁷, em torno do qual a sociedade se ordenava, e a consequente perda de privilégios. (Finguerut, 2014)

(...) os membros do Tea Party consideravam-se herdeiros dos “filhos da liberdade” de 1773, que haviam jogado grandes quantidades de chá no porto de Boston como um ato de desafio à taxação e às tiranias britânicas (Gerstle, 2017, posição 401, tradução nossa)⁸.

Os tea parties se mobilizaram mais intensamente contra duas iniciativas de Obama: o pacote de estímulo de 2009 que buscava estimular a economia adormecida em decorrência da crise de 2008; e o Affordable Care Act (ACA), programa de seguro para os norte-americanos incapazes de arcar com os custos da saúde no país.

Como práticas racistas escancaradas não eram mais admissíveis na colorblindness society, o Tea Party buscou se afastar de discursos explicitamente discriminatórios e passou a utilizar uma linguagem racial codificada. Mas é possível ainda encontrar evidências do caráter racista do movimento, com Omi e Winant (2015, p.235), por exemplo, que resgataram um relatório realizado pela NAACP que demonstrava os vínculos entre as organizações do movimento e grupos explícitos de supremacia branca.

Por mais que o Tea Party não tenha conseguido derrubar o governo Obama, eles foram bem sucedidos em privá-lo de maioria na Câmara em 2010 e no Senado em 2014, como demonstra Gerstle (2017), colocando que essas “vitórias” do movimento puderam frear decisões legislativas dos democratas durante os seis últimos anos do governo de Obama. Por conta disso, o

⁷ WASP é uma sigla em inglês para homem branco, anglo-saxão e protestante.

⁸ “Tea Party members regarded themselves as heirs to the “sons of liberty” of 1773 who had tossed boatloads of tea into Boston Harbor as an act of defiance against British taxation and tyranny”.

ex-presidente só conseguia promover seus objetivos por meio de ordens executivas⁹, dificultando ainda mais sua imagem perante a população, visto que este é benefício que deve ser usado com parcimônia pelos chefes de Estado.

A Contradição do “*Colorblindness Society*” Frente ao Encarceramento em Massa

Semanas antes de ser assassinado, Martin Luther King Jr. escreveu: “A América ainda não mudou, porque muitos pensam que ela não precisa mudar [...]”¹⁰ (1969 apud TAYLOR, 2016, posição 125-133, tradução nossa). Taylor (2016) retomou essa declaração para reforçar o quanto as palavras de Luther King nos lembram que o passado não ficou de fato para trás, sendo possível facilmente usá-las para descrever o atual momento enfrentado pelos afro-americanos. Apesar do encarceramento em massa, da violência policial e da situação de pobreza vivenciada pela população negra dos Estados Unidos, uma vasta parte da nação insiste na definição do período vigente como pós-racial e na afirmação de que os problemas de raça foram superados. A eleição de um negro para a presidência de um país que já experienciou uma longa escravidão negra seguida de um regime de segregação racial foi dada como a prova do triunfo da era colorblindness. Não só a eleição de Obama, mas de tantas outras autoridades negras, além da ascensão de grandes executivos, personalidades de Hollywood e atletas profissionais negros reforçariam este triunfo.

O sucesso de um número relativamente pequeno de afro-americanos é confirmado como uma reivindicação do ethos “colorblind” dos Estados Unidos e um testemunho da transcendência de seu passado racista (Taylor, 2016, posição 184-189, tradução nossa)¹¹.

No entanto, a obtenção de sucesso por parte de alguns negros nos EUA não indica que tenha deixado de existir um sistema de hierarquia racial. Alexander (2017, p.60) afirma que “Nenhum sistema de segregação nos Estados Unidos jamais governou todo o povo negro; sempre houve ‘negros livres’ e histórias de sucesso de negros, mesmo durante a escravidão e o Jim Crow”. O fato de negros ocuparem hoje espaços, até então, dominados por brancos, mostra que o velho regime Jim Crow, de fato, se encerrou, mas não que todos os sistemas de segregação racial também tenham findado.

A ideia de que os Estados Unidos seriam pós-raciais serviu aos interesses de alguns políticos para o corte de programas sociais. Dessa forma, se o Movimento dos Direitos Civis lutava, nos anos 1960, pela intervenção federal contra a discriminação e pela implementação de medidas que

⁹ Tipo de diretiva que pode ser emitida somente pelo presidente e que administra as operações do governo federal, tendo força de lei.

¹⁰ “America has not yet changed because so many think it need no to change [...]”.

¹¹ “The success of a relative few African Americans is upheld as a vindication of the United States colorblind ethos and a testament to the transcendence of its racist past.”

melhorassem a qualidade de vida dos negros, divulgar o país como uma colorblindness society tem o resultado oposto (Taylor, 2016).

Logo na noite em que foi eleito presidente, Obama afirmou:

Se há alguém que ainda duvida que a América é o lugar onde todas as coisas são possíveis, que ainda se pergunta se o sonho de nossos fundadores está vivo em nosso tempo, quem ainda questiona o poder da democracia, essa noite é a sua resposta (Obama, 2008 *apud* Taylor, 2016, posição 638, tradução nossa)¹².

Gerstle (2017) observou que Obama esperava em seu governo liderar o país rumo à redenção de seu pecado original de escravidão e racismo, colocando fim à tradição nacionalista racial dos EUA e dando início à era pós-racial.

A euforia pós-eleitoral mostrava a amplitude das expectativas criadas pela figura de Obama na presidência. Todavia, não demorou muito para que essas expectativas se revelassem enganosas. Enquanto o desemprego afro-americano aumentava progressivamente, o presidente foi questionado por líderes dos direitos civis sobre quais medidas criaria para o combate deste problema, ao que respondeu que seria o presidente de todos os americanos e não de um grupo em específico, o que já evidenciava que não haveria planos específicos para a América Negra.

Mesmo antes de assumir a presidência, Obama já procurava se esquivar de assuntos relacionados à raça, sendo apenas em março de 2008 que ele fez pela primeira vez um discurso abrangente sobre. De acordo com Taylor (2016), nenhum candidato à presidência jamais havia feito um discurso tão direto sobre o racismo no governo e na sociedade. Contudo, o discurso de Obama também fazia fortes referências a uma ideia de culpabilização da comunidade negra, alegando a necessidade dessa assumir total responsabilidade por suas vidas. Esse tipo de postura já estabelecia de que forma ele procuraria reger os assuntos ligados à raça: sempre adotando uma postura neutra. A razão para essa escolha provavelmente foi a busca pela atração do eleitorado branco, mas isso impunha que ele deixasse de repudiar casos de discriminação racial, o que gerava um estranhamento por tratar-se de alguém que teria uma noção mais próxima do funcionamento do racismo.

Outro episódio desta categoria aconteceu em sua candidatura durante o “Dia dos Pais”, quando o candidato à presidência fez um discurso na Igreja Apostólica de Deus, em Chicago. Centenas de negros se juntaram para ouvir o que o candidato à presidência tinha a dizer e ele fez um discurso que já era familiar aos ouvidos dos afro-americanos, no qual questionava a localização dos homens negros, afirmando que muitos eram ausentes de seus lares e precisavam ser pais melhores. Enquanto cobrava por essa responsabilidade dos homens negros em sua fala, Obama não mencionou onde, de fato, estavam os homens negros. Segundo Alexander (2017), essa fala

¹² “If there is anyone out there who still doubts that America is a place where all things are possible, who still wonders if the dream of our founders is alive in our time, who still questions the power of our democracy, tonight is your answer.”

de Obama se assemelha muito ao debate sobre a falta de homens negros elegíveis para o casamento: “para onde foram todos os homens negros?” é um refrão comum ouvido entre as mulheres negras frustradas em seus esforços para encontrar um parceiro de vida” (Alexander, 2017, p.258). Esse desaparecimento de homens negros não é apenas uma falsa sensação; ele realmente acontece, mas não por falta de compromisso ou de desejo por parte deles e sim porque a maioria estava encarcerada, principalmente devido ao programa conhecido como Guerra às Drogas: “Milhares de homens negros desaparecem em prisões, trancafiados por crimes de drogas que são amplamente ignorados quando cometidos por brancos” (Alexander, 2017, p. 260).

O próprio ex-presidente admitiu já ter violado as leis de drogas, quando escreveu em sua autobiografia sobre sua juventude rebelde. Se ele houvesse sido acusado por crime de drogas, ele certamente não teria alcançado tantos feitos notáveis como fez e seria tratado como um criminoso pelo resto de sua vida. Obama chegou, inclusive, a reconhecer isso quando cedeu entrevista para a American Society of Magazine Editors. Frente a isso, esperava-se uma atitude diferente do ex-presidente quanto o problema do encarceramento em massa de afro-americanos que acontece nos Estados Unidos, um olhar de empatia de quem poderia ter acabado no mesmo lugar, mas, no entanto, Obama ampliou o programa da Guerra às Drogas em seus mandatos. Escolheu Joe Biden para vice-presidente (grande defensor da Guerra às Drogas) e Rahm Emanuel como chefe de gabinete (um dos principais proponentes da Guerra às Drogas e da redução de programas sociais na era Clinton). Além disso, ele também restabeleceu o programa COPS¹³ e aumentou o financiamento para o programa de subsídio Byrne, que de acordo com Alexander (2017), são dois dos piores programas de drogas da era Clinton. O programa Byrne ainda havia entrado em declínio no governo Bush, mas Obama prometeu retomá-lo e cumpriu sua promessa.

A pobreza é só mais um dos fatores que aumenta a disparidade entre negros e brancos. Por conta da crise do mercado imobiliário, em 2008, ampla parte da riqueza dos afro-americanos foi destruída. Taylor (2016) relata que no auge do boom dos empréstimos hipotecários, cerca de metade dos empréstimos concedidos aos negros era subprime (crédito de risco). Em razão disso, quase 25% das famílias negras que compraram casas neste período corriam o risco de perdê-las. O momento que Obama se tornou presidente se mostrava crucial para a população afro-americana, mas ele empreendeu medidas tímidas para resolver os problemas da comunidade negra. Mesmo enquanto tentava a reeleição em 2012, voltou a afirmar que não era presidente da América Negra, mas dos Estados Unidos da América (Taylor, 2016).

Apesar disso, o problema da administração Obama neste sentido não foi apenas a ausência de políticas para melhorar a qualidade de vida nas comunidades negras. Taylor (2016) também

¹³ Sigla para o programa Community Oriented Policing Services [Serviço de Polícia Orientado à Comunidade].

critica o fato do ex-presidente ter praticado um desserviço ao legitimar o discurso da “cultura da pobreza”, colocando a própria cultura negra como fonte da desigualdade racial presente no país e, exonerando, assim, o sistema político:

Depois da escravidão, as explicações populares para a pobreza negra e a marginalização flutuaram entre a biologia e a cultura, mas as ideias de livre iniciativa e de democracia americana “com contradições” nunca foram seriamente interrogadas (Taylor, 2016, posição 267, tradução nossa)¹⁴.

Black Lives Matter

Mais para o fim de sua administração, Obama testemunhou a mobilização de um novo movimento entre os afro-americanos. Por mais estranho que pareça o surgimento de um movimento de luta racial durante o primeiro governo negro estadunidense, isso encontra explicação justamente na postura do presidente em sua busca por não se envolver em questões raciais, em um momento no qual a América Negra demandava por mudanças. Assim como o Movimento dos Direitos Civis fez frente ao Jim Crow, faltava um movimento negro mais sólido frente ao sistema de encarceramento em massa.

Logo no Ano Novo de 2009, Johannes Mehserle, um oficial de trânsito, atirou em Oscar Grant, um homem negro desarmado de 22 anos que estava algemado, deitado numa plataforma de transporte público. Este assassinato brutal semanas antes do primeiro presidente afro-americano tomar posse foi um choque para a população. A reação com protestos, marchas, fóruns públicos e reuniões organizadas foi tão intensa, que forçou as autoridades a acusarem Mehserle de assassinato (Taylor, 2016).

Ainda assim, era esperado que com Obama assumindo a presidência, este tipo de caso sucedesse de outra forma, mas não foi o que ocorreu. Em 2011, Troy Davis era um homem negro que estava no corredor da morte, em Geórgia. Segundo Taylor (2016), acreditava-se amplamente que ele fosse inocente e que havia sido condenado injustamente, enfrentando a execução por um crime que não cometeu. Em setembro, uma campanha internacional começou para que ele fosse removido do corredor da morte e, à medida que a data da execução se aproximava, os protestos se tornavam mais intensos e esperava-se cada vez mais um posicionamento e uma intervenção de Obama. Esse posicionamento nunca aconteceu, sendo que a única atitude tomada pelo governante foi enviar o secretário de imprensa Jay Carney para entregar uma declaração em seu nome afirmando não ser apropriado um presidente intervir em um processo liderado pelo estado (Taylor, 2016). Troy Davis foi, assim, executado.

¹⁴ “After slavery, the popular explanations for Black poverty and marginalization drifted between biology and culture, but the ideas of free enterprise and American democracy “with contradictions” have never seriously been interrogated.”

No dia seguinte, a Anistia Internacional e a Campaign to End the Death Penalty pediram por um “dia de indignação” em protesto. De acordo com Taylor (2016), mais de mil pessoas marcharam e chegaram, assim, a um pequeno acampamento na Wall Street chamado “Occupy Wall Street”. O acampamento tinha começado uma semana antes de Davis ser executado, e quando seus ativistas convergiram com os ativistas de Troy Davis, eles fizeram uma conexão imediata entre os protestos do Occupy contra a desigualdade e a injustiça na morte de Davis. Após a marcha, muitos dos ativistas por Troy Davis tornaram-se parte do acampamento Occupy. Para Taylor (2016), esse episódio parecia o prenúncio de uma “Primavera Americana”.

Em 2012, Trayvon Martin, um garoto de 17 anos, visitava a noiva de seu pai e foi abordado por um segurança do bairro que o identificou como um criminoso responsável por alguns roubos. A suspeita em torno de Martin se deu simplesmente porque ele estava voltando para casa de capuz e falando ao telefone. O segurança era George Zimmerman, que ao invés de aguardar a chegada dos policiais, o confrontou e disparou um tiro contra seu peito, matando Trayvon. A suposição inicial era a de que Martin fosse culpado e, por isso, Zimmerman não foi autuado pela polícia, mas à medida que o caso passou a ser noticiado, ficou claro que Trayvon Martin havia sido uma vítima.

A série de protestos desencadeados pelo assassinato de Trayvon perfuraram a ilusão da era pós-racial nos EUA. As manifestações clamavam pela prisão de George Zimmerman. Assim como no Occupy, os protestos eram nacionais, porém muito mais difundidos. Segundo Taylor (2016), estes foram os efeitos que o Occupy deixou ao relegitimar as manifestações em geral. Como de costume, o presidente Obama evitou falar sobre o ocorrido, justificando tratar-se de um caso local. Demorou um mês para que o governante viesse a falar abertamente sobre o caso, o que demonstra o impacto que os crescentes protestos vinham causando. Este impacto se fez notar novamente quando quarenta e cinco dias depois da morte de Martin, George Zimmerman foi finalmente preso.

Pouco mais de um ano depois de sua prisão, em 2013, Zimmerman foi absolvido e considerado inocente, o que ajudou a inflar ainda mais o movimento em formação. Devido ao veredicto, Alicia Garza postou uma simples hashtag em uma rede social: #BlackLivesMatter, uma vez que parecia, de fato, que vidas negras não importavam. Mais tarde, Garza transformaria a hashtag no slogan do movimento social, junto com as ativistas Patrisse Cullors e Opal Tometi.

Casos parecido com o de Trayvon Martin tornavam-se frequentes. Em agosto de 2014 a população de Ferguson, em Missouri, protestava contra as práticas de policiamento racista nos Estados Unidos, em resposta ao assassinato de Michael Brown. Oito meses depois foi a vez de Baltimore, em resposta ao assassinato de Freddie Gray.

Em 2014, Michael Brown, um jovem negro, foi morto por um policial branco ao ser atingido por vários disparos. Quando a polícia liberou ao público o nome de Darren Wilson como o

policial que matou Brown, no mesmo dia o chefe da polícia vazou um vídeo que parecia mostrar Brown roubando cigarrilhas de uma loja local (TAYLOR, 2016). O chefe de polícia acabou admitindo depois que Darren Wilson não sabia que Brown era suspeito de roubo, mas mesmo assim, para a mídia e elites políticas, o assassinato de Brown era, portanto, justificável, fazendo Brown passar de uma vítima da aplicação da lei para um suspeito. A população negra saiu às ruas para protestar contra a violência policial e contra a inoperância de Obama.

A explosão em Ferguson e os protestos em todo o país aprofundaram a crise política, quebraram as proclamações “pós-raciais” e inspiraram outros a se levantarem contra uma piora da epidemia de perseguição policial, brutalidade, corrupção e assassinato que ameaça tirar a vida e a personalidade de um número incontável de afro-americanos em todas as cidades e subúrbios (Taylor, 2016, posição 356-362, tradução nossa)¹⁵.

Oito meses depois, já em 2015, o caso de Freddie Gray ganhou repercussão. Gray era um afro-americano de 25 anos que morava na área mais pobre de Baltimore e estava desarmado quando a polícia tentou detê-lo sem motivo. Freddie Gray tentou fugir quando abordado, mas não sem motivos: a polícia de Baltimore é notória pelo abuso físico contra pessoas sob sua custódia, especialmente negras. Gray foi preso pelo porte de um canivete ilegal e, enquanto era conduzido pelos policiais, desmaiou e faleceu. O laudo concluiu que o rapaz havia sido imobilizado inadequadamente e que a causa de sua morte foi o esmagamento da espinha. Quando o acontecimento foi noticiado, uma rebelião negra se iniciou, com protestos que decorreram num tumulto violento em Baltimore. Após a morte de Gray, houve protestos diários clamando pela prisão dos seis policiais envolvidos, enquanto estes, de acordo com Taylor (2016) foram colocados apenas em uma “licença administrativa remunerada”.

A diferença entre Baltimore e Ferguson é que a primeira era governada pelo estabelecimento negro. O conselho da cidade de Baltimore tem quinze membros, dos quais, oito eram negros, incluindo seu presidente; o superintendente das escolas públicas era negro; a prefeita era negra; o comissário de polícia era negro; e toda a diretoria da comissão de moradias da cidade era negra. Já em Ferguson, onde os afro-americanos representam 67% da população, a cidade era administrada quase totalmente por brancos. A falta de poder político para os negros em Ferguson se tornou uma das justificativas para os problemas raciais da cidade. No entanto, Keeanga-Yamahtta Taylor (2016) relembra que se o assassinato de Brown e a revolta em Ferguson remetem ao antigo Jim Crow, o assassinato de Gray e a rebelião de Baltimore evidenciam a nova elite política negra. “A dinâmica de uma rebelião negra em uma cidade de governo negro destaca uma das mais dramáticas transformações na política negra – e na vida

¹⁵ “The explosion in Ferguson and the nationwide protests have deepened the political crisis, shattered the “postracial” proclamations, and inspired others to rise up against a worsening epidemic of police harassment, brutality, corruption, and murder that threatens to snatch the lives and personhood of untold numbers of African Americans in every city and suburb.”

negra em geral.”¹⁶ (Taylor, 2016, posição 1575-1581, tradução nossa). Fora isso, Baltimore fica a apenas sessenta quilômetros da Casa Branca, onde residia o primeiro presidente negro do país. Na Câmara dos Representantes havia quarenta e seis membros negros e dois senadores negros (o maior número de membros negros na história estadunidense). Contudo, não se pode dizer que junto com essa ascensão dos negros ao poder político as coisas tenham mudado significativamente para a Afro-América. Talvez, a principal mudança seja somente de que quando os afro-americanos passam por dificuldades, eles estão sendo supervisionados por uma autoridade negra (Taylor, 2016).

As novas autoridades afro-americanas possuem uma função indispensável para o novo sistema de segregação. Como membros da comunidade negra, elas podem repreender outros membros de um jeito que autoridades brancas não poderiam fazer, esquivando-se do rótulo “racista”, como afirma Taylor (2016). Dessa forma, elas ignoram seu papel em um espaço político projetado para oprimir afro-americanos e outras minorias. E isso é exatamente o que Obama fez em seus dois mandatos na presidência, legitimando ideias a respeito de uma cultura negra defeituosa, mesmo havendo tantas evidências de uma desigualdade brutal entre brancos e não brancos. Diversas vezes o ex-presidente falou da necessidade de fornecer exemplos melhores para as comunidades negras, deslocando as causas de crime e pobreza da desigualdade para a cultura negra.

O Black Lives Matter, que emergiu da hashtag criada por Alicia Garza, já se transformava em uma agenda de uma nova geração de ativistas, como identifica Taylor (2016). Após a morte de Brown, em 2014, o movimento transcendeu as campanhas das redes sociais, articulando negros e outras minorias, mas também brancos, e agiu de maneira importante na desconstrução do ideal pós-racial norte-americano.

Por mais de três meses, um grupo de pessoas comuns que se tornaram ativistas manteve a esperança de que as manifestações resultariam na acusação de Darren Wilson pelo assassinato de Michael Brown. Porém, em novembro, a decisão do grande júri foi de não indiciar Wilson, o que ocasionou uma onda de protestos furiosos. Obama se dirigiu às massas pedindo por respeito à lei e afirmando que os EUA são uma nação baseada no estado de direito. Isso impulsionou o artista Tef Poe a mandar uma carta aberta ao presidente, na qual ele o critica por não condenar os ataques sofridos pelo povo afro-americano e, como membro da comunidade, enfrentar o racismo muito timidamente (Poe, 2014 *apud* Taylor, 2016).

A resposta da polícia aos protestos em Ferguson se deu de forma descomunal, fazendo uso desnecessário de gás lacrimogêneo, balas de borracha e ameaças de violência contra os manifestantes que estavam desarmados. Segundo Taylor (2016), a polícia ocultava seus

¹⁶ “The dynamics of a Black rebellion in a Black-governed city highlight one of the most dramatic transformations in Black politics - and Black life in general.”

distintivos para esconder suas identidades e usava pulseiras com os dizeres “I AM DARREN WILSON”. 172 pessoas foram presas, das quais para 132, a acusação era apenas de fracasso em dispersar-se.

Como os protestos se prolongavam, Obama precisou marcar uma reunião com os ativistas mais marcantes de Ferguson, demonstrando, assim, o impacto que o movimento vinha tendo, despertando o temor não só dos políticos em Ferguson, mas do país inteiro.

As ondas de protestos varriam todo o território estadunidense e o slogan “Black Lives Matter” se tornou um grito de guerra em todos os cantos. Taylor (2016) realça que, conforme os protestos cresciam, os políticos corriam para acompanhá-los. Hillary Clinton, que nunca havia falado publicamente sobre Michael Brown, se viu forçada a evocar o slogan em Nova York e o próprio Obama passou a promover mudanças em seus discursos.

No primeiro mandato, Obama não deu muita atenção aos problemas na aplicação das leis e ao encarceramento em massa dos afro-americanos. Por mais que essas questões não tenham se iniciado com Obama, quando números massivos de negros se mobilizaram para elegê-lo, eles esperavam mudanças nessa estrutura, esperavam que o seu mandato transformasse de fato a desigualdade racial, muito também devido aos seus vários discursos sobre união e esperança. Todavia, o ex-presidente passou a maior parte de seu mandato culpabilizando os negros por suas próprias dificuldades. Depois do movimento em Ferguson, Obama passou a mudar seu tom e a concentrar-se no que chamou de “sistema de injustiça criminal”. Taylor (2016) reitera que essa transformação é bem vinda, mas que nada disso teria sucedido dessa forma sem as rebeliões de Ferguson e Baltimore.

O Black Lives Matter é um movimento descentralizado sem lideranças, que revigora o método do Occupy, que descrevia esse tipo de ações como mais democráticas, uma vez que permite que seus seguidores ajam conforme suas próprias vontades. Contudo, segundo Taylor (2016), a descentralização do movimento pode dificultar a entrada de novos membros, afirmando que quanto maior é um movimento, mais ele exige coordenação.

Sem dúvidas, o movimento vem atingindo grandes feitos. Após um ano de existência, já se podia enxergar isso na condenação por homicídio de alguns policiais e no fato de alguns locais terem tornado obrigatório o uso de câmeras corporais pela polícia. O jovem movimento fortaleceu a política de confronto e deu voz à raiva popular. No começo, centrado em questões de abusos cometidos pela polícia, o movimento passou a se envolver também em outras abordagens, como a desigualdade social.

A maior ameaça ao movimento é a oposição externa, apesar de já existirem tendências concorrentes dentro dele. O slogan do movimento provocou desprezo em alguns setores.

Condicionados a aceitar a premissa da criminalidade negra, uma grande parte da América branca instintivamente lê as demandas negras como casos de súplica clínica e especial. Muitos norte-americanos continuam praticando a arte da evasão, adotando expressões como “*All Lives Matter*”, “*Police Lives Matter*” e, mais bizarramente, “*Southern Lives Matter*” (uma resposta às críticas da exibição de bandeiras confederadas). [...] As próprias polícias foram os agentes mais fortes da reação ao Black Lives Matter. O movimento anti-racista está enfrentando o tipo de intensa repressão estatal que esmagou o Occupy Wall Street. [...] As forças policiais urbanas confrontaram repetidamente manifestantes desarmados com armamento de nível militar [...]”¹⁷. (Rickford, 2016, p.39-40, tradução nossa).

No último ano da presidência de Barack Obama, em 2016, a mídia mostrava um panorama diferente daquele do início de seu primeiro mandato, quando o ideal de esperança era predominante (Francisco, 2017). Diversos artistas negros criticaram os abusos cometidos nas práticas policiais. A era pós-racial não aconteceu. Mesmo assim, a popularidade de Obama ao fim do mandato era alta, não tendo sido afetada pelos conflitos raciais em seu governo.

No final de 2015, o presidente visitou o presídio El Reno, no estado de Oklahoma, questionando a alta taxa de encarceramento no país e as duras e desproporcionais condenações da justiça norte-americana. De certa forma, Obama incorporou as narrativas do Black Lives Matter ao seu discurso, reconhecendo o sistema carcerário como um elemento crítico das relações raciais nos Estados Unidos (Francisco, 2017, p.20).

Conclusão

O primeiro presidente negro dos Estados Unidos não atendeu às expectativas. Devido à recessão e à maré anti-Bush, a eleição de Obama parecia prenunciar, segundo Omi e Winant (2015), um distanciamento do neoliberalismo e recrudescimento da Great Society¹⁸. No entanto, por mais que Obama representasse uma alternativa progressista em relação a Bush, ele não avançou tanto neste sentido. A sociedade norte-americana se deparou, na verdade, com a intensificação da segregação racial, em decorrência da acentuação do encarceramento em massa e do fortalecimento da extrema direita no país.

¹⁷ “Conditioned to accept the premise of black criminality, a large portion of white America instinctively reads black demands as cases of cynical, special pleading. Many Americans continue to practice the art of evasion, embracing expressions such as “*All Lives Matter*”, “*Police Lives Matter*”, and most bizarrely, “*Southern Lives Matter*” (a response to criticism of the display of Confederate flags). [...] Police themselves have been the most forceful agents of the Black Lives Matter backlash. The anti-racist movement is facing the kind of intense state repression that crushed Occupy Wall Street. [...] Urban police forces have repeatedly confronted unarmed protesters with military-grade weaponry.”

¹⁸ Programas criados na administração de Lyndon B. Johnson visando eliminar a pobreza e a injustiça racial.

Os drones, a vigilância e as palestras moralistas sobre pais e cultura hip-hop que Obama gosta de entregar apenas aos negros, todos contradizem o legado anti-racista do Movimento dos Direitos Civis que indiscutivelmente o colocou no cargo (Omi; Winant, 2015, p.239, tradução nossa)¹⁹.

Ademais, além desta intensificação dos problemas ligados à raça, o presidente adotou uma posição moderada e imparcial que em nada contribuiu para estancá-los, quando não prejudicou. Foram necessários os dois mandatos para que Obama finalmente reconhecesse o impacto que o encarceramento em massa fornecia à comunidade negra.

Nos Estados Unidos existem duas grandes tradições que disputam o poder político: os progressistas e os conservadores. Finguerut (2014) explica que enquanto os progressistas acreditam no papel do Estado como passível de melhorar a vida da população, os conservadores querem a menor interferência estatal possível, julgando-a agressiva. Tendo em vista esta definição, é interessante saber como cada orientação política, de forma mais geral, avalia a administração de Barack Obama. Neste sentido, consta aqui uma análise de artigos de opinião sobre o mesmo período de dois jornais da preferência de cada orientação: CNN e Fox News, respectivamente.

Em um artigo publicado no CNN por Nia-Malika Henderson, no dia 28 de abril de 2015, a repórter faz uma análise a respeito de quanto poder o ex-presidente detinha para acabar com a divisão racial. Neste artigo, ela compartilha da opinião de que a eleição do primeiro presidente negro trouxe consigo diversas expectativas sobre o fim das tensões raciais, mas que Obama deixou a desejar em muitas delas, não agradando nem seus partidários, que esperavam por mais do presidente, nem seus adversários, que enxergavam que o chefe de Estado se preocupava muito com conflitos antigos. Henderson faz, assim, algumas críticas ao governante. A começar pela forma como esse fazia seus posicionamentos, desprovidos da retórica que o ajudou a chegar à presidência. Além disso, condena a forma como Obama se referiu aos manifestantes após o episódio de Baltimore, denominando-os criminosos, quando algumas das pessoas a quem ele se referia deste modo eram crianças saindo da escola. A administração de Obama, portanto, é apresentada no artigo como não tendo sido capaz de atender às necessidades dos afro-americanos, acirrando, na verdade, a divisão racial.

No ano anterior, dia 20 de janeiro de 2014, Bill O'Reilly publicou um artigo sobre o mesmo tema no Fox News. Diferentemente do descrito no artigo acima, neste há um elogio à maneira como Barack Obama se esquivava em tratar de assuntos envolvendo raça. O repórter argumenta o quanto isso é positivo, uma vez que o presidente deve representar todos os americanos, tipo de fala que remete aos discursos realizados pelo próprio ex-presidente. O'Reilly defende que o fator racial não é mais um problema tão grave nos Estados Unidos,

¹⁹ *"The drones, the surveillance, and the moralistic lectures about parenting and hip-hop culture that Obama likes to deliver only to blacks, all contradict the anti-racist legacy of the civil rights movement that arguably put him in office"*.

usando como suporte o fato de que, após sua posse, o primeiro presidente negro teve um índice de aprovação muito alto, e que tal fato revela o quanto o país avançou nos temas relacionados à raça. Por fim, ele aponta que é possível aos afro-americanos obterem sucesso no país se esses se esforçarem o suficiente.

Uma vez que o CNN é o jornal mais assistido por progressistas nos Estados Unidos e que o Fox News é o mais assistido por conservadores, é possível inferir que a opinião progressista é de que Obama falhou em atender as expectativas criadas e que sua administração manteve os mesmos problemas enfrentados pelos norte-americanos e pouco fez para resolvê-los. Já a opinião conservadora, por mais que não tenha gostado das medidas adotadas por Obama, enxerga como positivo o fato dele não se pautar tanto sobre a ideia de raça e de promover uma imparcialidade acerca das tensões raciais, acreditando que, de fato, o racismo teria chegado ao fim nos Estados Unidos e se aproximando do ideal de conviver numa sociedade pós-racial. O que acontece é que Obama tentou se usar de um papel de neutralidade, jogando com os dois lados da política norte-americana, mas no fim não agradou ou desagradou muito a nenhum.

A eleição de Obama não significou o triunfo da era pós-racial e ainda revelou um agravamento nas relações raciais. O ex-chefe de Estado pode ser culpabilizado por sua imparcialidade nos conflitos raciais tanto devido a uma questão de falta de empatia, de quem conhece as pressões raciais, quanto ao fato de seu discurso legitimar a fala daqueles interessados na manutenção da hierarquia racial, uma vez que atribui a culpa dos problemas raciais aos próprios afro-americanos.

Importante ressaltar também que o recrudescimento do nacionalismo racial seria um dos principais fatores que desembocou na eleição de Donald Trump em 2016, acompanhada de um fortalecimento global da extrema direita. Contudo, é possível ainda encontrar um ponto positivo no período de sua administração: o surgimento do Black Lives Matter. Os impactos do Movimento dos Direitos Civis ajudaram a dismantelar o Jim Crow, porém após isso não havia se formado ainda um movimento negro forte e coeso o suficiente para enfrentar o novo sistema de hierarquia racial, que é o encarceramento em massa. O Black Lives Matter tem tudo para tornar-se este movimento, já tendo alcançado algumas vitórias e provando que pode fazer a diferença.

*

Black America in the Obama Era: Debunking Racial Democracy in the Context of the First Black President of the United States

The present article aims to analyse the Obama era in the United States of America, starting from his candidacy until the end of his second term as president. The choice of the theme was due to the position that the United States occupies in global multilateralism as a hegemonic nation and, also, due to the resurgence of racial tensions in the country in this period. From this, it is intended to draw conclusions about the changes experienced by African-Americans during the two terms of Barack Obama, based on bibliographies that study the Obama era, the mass incarceration and the Black Lives Matter.

Keywords: Obama. United States. African-Americans. Black Lives Matter.

*

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BARNES, Sandra L.; ROBINSON, Zandria, F.; WRIGHTII, Earl. **Repositioning race: prophetic research in a post racial Obama age**. Albany: State University of New York Press, 2014.
- FINGUERUT, Ariel. **Entre George W. Bush (2000 - 2008) e Barack H. Obama (2009): a efetividade da Nova Direita no consenso político norte-americano**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência Política) - IFCH, Unicamp, Campinas.
- FRANCISCO, Flavio T. R. A utopia pós-racial nos Estados Unidos: reestruturação do racismo e a ascensão de Barack Obama na era do *colorblindness*. **Revista de História da UEG**, Porangatu, v. 6, n. 1, p. 01-23, jan./jul. 2017.
- FREDRICKSON, George. **Racism: A Short History**. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- GERSTLE, Gary. **American Crucible**. Princeton: Princeton University Press, 2ª ed., 2017.
- HENDERSON, Nia-Malika. Riots tests Obama's power to heal racial divide. **CNN**, Washington, 28 abr. 2015. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2015/04/28/politics/obama-and-race/index.html>> Acesso em 7 agosto 2019.
- OMI, Michael; WINANT, Howard. **Racial Formation in United States**. New York: Routledge, 2015.
- O' REILLY, Bill. President Obama and race. **Fox News**, 20 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.foxnews.com/transcript/bill-oreilly-president-obama-and-race>>. Acesso: 7 ago. 2019.
- PEDERSEN, Carl. **Obama's America**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.
- RICKFORD, Russel. Black Lives Matter: Toward a Modern Practice of Mass Struggle. **New Labor Forum**, New York, v. 25, p. 34-42, 2016.
- TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. **From #BlackLivesMatter to Black Liberation**. Chicago: Haymarket Books, 2016.